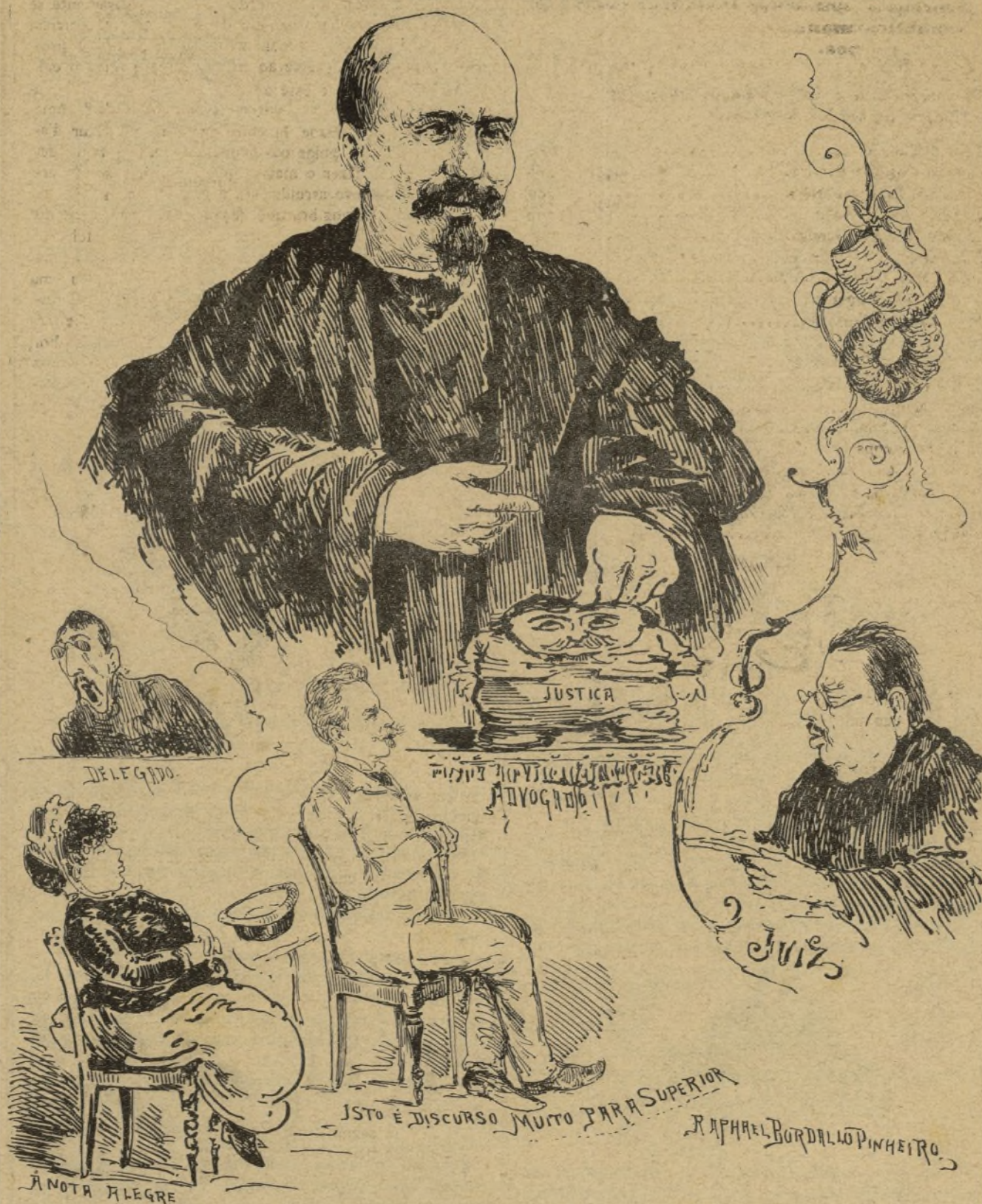


JOSÉ DIAS FERREIRA



No julgamento do *Seculo* deram-se dois phenomenos dignos da observação dos homens de sciencia: José Dias Ferreira, que apesar da sua eloquencia vigorosa não poudé ser a Providencia do reu, viu, como aquella, direito por linhas tortas, ao passo que um Juiz de Direito torceu este por fórma a imprimir-lhe o feitio d'aquelle objecto que o Francisco Palha tem pendurado á porta da caixa da Trindade, para lhe desinguiçar o estabelecimento.

Subscrição para acudir ás despesas dos processos mandados instaurar contra os republicanos.

Transporte.....	11\$100
Do proprietario e empregados da lithographia Guedes, em seguida designados:	
Justino Guedes.....	2000
Antonio Joaquim Pereira.....	500
Francisco Ribeiro Franco.....	500
Augusto Rufino Sette.....	200
Alfredo Teixeira Guedes.....	500
João Epiphany Bastos.....	100
João Carlos Gorgel do Amaral.....	100
José da Silva Fonseca.....	100
José Augusto Cortezão.....	100
Antonio Casimiro Serrão.....	100
Maximo Antonio da Silva.....	60
José Martins.....	100
Mendonça.....	100
Manoel Martins.....	100
Joaquim Coelho.....	100
Pires.....	50
José Maria.....	40
Caetano.....	40
Márques.....	60
Somma.....	15\$950

A SEMANA

O caso não merece talvez a mais pequena referencia, por isso que não representa a mais insignificante novidade.

A condemnação de mais um jornal republicano estava já decretada pelos altos juizes que teem o juizo da Boa Hora fechado na mão e, assim, o *Seculo*, ainda antes de comparecer no tribunal, estava já condemnado.

É o caso da pescada: antes de o ser já o era...

Entretanto, e apesar do caso ser já velho, entremos, depois de previamente abotoarmos a sobrecasaca, no tribunal da Boa Hora.

Lá está Emygdio, occupando a sua bella tribuna, elegantemente guarnecida de arabescos de madeira torneada,



o que nos fazem lembrar guarnições de prateleiras junto ao tecto de antigas tabernas e a que só falta, para completar a illusão, o addicionamento de algumas garrafas poeirentas, visto como o tradicional *Santantoninho* se nos mostra através das aberturas regulares do gradameito...

Lá está elle, heroico e resolutio, no cumprimento dos seus deveres de obediencia a quem tudo pode e tudo manda. Falla grosso, como convem a quem se acha investido de tão altas quanto honrosas funcções.

Não quer que ninguém tussa, nem cuspa, nem espirre, manifestando-se assim abertamente contra o uso do meio grosso e da ipecacuanha, ao passo que caviliosamente se pronuncia a favor dos rebuçados de Santa Cruz. Fita o auditorio com o olhar *soberano* de quem tem na barriga o que quer que seja de mais invulneravel de que o proprio Achilles, porque esse ao menos sempre tinha o calcanhar.

E vá lá uma pessoa bulir-se levemente, sacudir uma mosca, catar uma pulga ou outro qualquer habitante d'aquelle tribunal; fazer o mais pequeno movimento que determine o mais leve arruido, se querem ver como elle erguendo a grossa voz brada para a galeria:

—Silenciô! Não quero que façam praça nem feira do tribunal!

Que ingenuidade! Não querer que o tribunal seja uma feira...

Que pena não estar o Valle na galeria, para lhe responder com a cançoneta: — *Do outro lado*, meu senhor, *do outro lado*...

A billis é tanta que até a despeja sobre um dos santos de casa; o pobre official de diligencias que assiste á audiencia e que anda saltitando pela sala como ligeiro pin-



tasilgo, sempre nos bicos dos pés — o unico homem do mundo, talvez, que poupa os saltos das botas sem dependencia dos *protectores do calçado*!

Esse bom homem é ao que parece tão surdo ás ordens da presidencia, como esta se mostrou surda ás vozes da razão é da justiça...

Mas elle castigou-lhe a enfermidade bradando-lhe irritado:

— O' homem não seja bruto!...

Ora este vocabulo não será talvez dos mais proprios em bocca de magistrado e em santuario de justiça, mas explica-se em quem, por extremamente cioso das suas prerogativas, não quer admittir a mais insignificante concorrencia...

A defeza do *Seculo* limitou-se a ractificar quanto tinha escripto no numero incriminado, o que representa, nos parece, uma segunda edição d'esse numero, manuscrito officialmente pelo escrivão do tribunal.

Foi uma engenhosa insidia de Magalhães Lima, fazer o tribunal que o julgava, connivente na reproducção do artigo incriminado.

Assim ao menos, quando se houverem esgotado todos os exemplares d'aquelle numero do *Seculo*, a posteridade poderá, a troco de uma certidão extrahida do processo saber o que na época presente se escrevia a respeito do Achilles clarificado de quem se não póde dizer o nome...

José Dias Ferreira, com uma argumentação tanto mais clara quanto escuro se manifestou o entendimento do ministerio publico e o da presidencia, enredou esta n'uma teia de citações e de artigos, que a deixaram ás aranhas — sem referencia ás teias nem ás aranhas do tribunal, a que ha muito está relaxada a citada presidencia.

Frisou claramente, o notavel advogado, que a resurreição da lei das rolhas, correcta e augmentada, veio em suas penalidades dar por companheiros aos jornalistas os gatunos que passeiam no Bairro Alto e os faiantes que assassinam na Mouraria.



É um agradável convívio, com o qual difficilmente nos conformaremos, mas que, em todo o caso, não deixamos de agradecer profundamente :

Porque bem peor seria,
Mais cruel, desnaturado,
Se nos dão por companhia
Qualquer ministro de estado.

Em summa, a despeito de haver o distincto advogado exposto que a presidencia ficaria, no caso de uma sentença condemnatoria, o que juridicamente se diz *de mãos atadas*, a presidencia que já tinha as mãos, não diremos *atadas*, mas *untadas* — do mel com que havia de dar pelos beijos á tal pessoa de quem se não póde dizer o nome ; a presidencia, ouvidos os argumentos irrefutaveis da defesa e consultado o silencio glacial do ministerio publico entupido, que fingia dormir, com grande gaudio da grammatica e do bom senso ; a presidencia tirou solemnemente da algibeira a sentença de chavão, manufacturada a copiographo, e que hade servir sempre para o epilogo de processos analogos, mediante apenas a inscripção do nome do réo e do grau da penalidade...

E agora, saiamos do tribunal e vamos tomar um banho, podendo affoitamente fazel-o nas aguas do Ganges, porque, a acreditarmos nas theorias de *Pasteur*, a peste do microbio não fará farinha connosco.

Já estamos vacinados...

PAN.

Expoz-se á venda um bello grupo photographico com os retratos de Silva Lisboa, Manuel d'Arriaga, Magalhães Lima, Consiglieri Pedroso, Alves da Veiga e Emygdio de Oliveira (Spada).

O producto da venda d'esta photographia é destinado a auxiliar as depezas dos processos dos republicanos da Madeira.

Este fim, tão sympathico como as physionomias dos que compõe esse formoso grupo, bastará decerto para que a edição se exgote rapidamente.

TELEGRAMMA PARA AS CALDAS

Ex.^{ma} conselheira Pim.

Deve chegar ahi brevemente



a quem sua eminencia acaba de conferir a jurisdicção.

— E ésta !!!



(Passeia damnado, chora de raiva, matuta e por fim :)

— Quando elle chegar, se não poder evitar que lhe façam recepção estrondosa, corro ao cordão da torre e toco a fogo... O povo acode... Boa idéa !

Mas no entretanto apparece na secretaria o



que diz :

— Senhor ! Lá fóra... não ouve?... foguetes, musica, vivorio !...

Epilogo !...



O CONCURSO DO INSTITUTO INDUSTRIAL



Como era de esperar, Consiglieri Pedroso foi preterido no concurso do Instituto Industrial, apesar da sua brilhante prova, em proveito de um outro candidato, cujas habilitações se resumiam em *alta* protecção e, provavelmente, na circumstancia de ter passado parte da sua vida em Africa.

A ultima das recommendações — aliás como a primeira — dá-nos uma idéa perfeita dos requisitos exigidos para o provimento n'aquelle cargo : não saber ler, nem escrever...

São tambem estas, ao que parece, as habilitações do illustado jury, que postergou a justiça para obedecer á inspiração que lhe vinha de cima — da tal pessoa em quem se não póde bulir...



Xavier de Carvalho acaba de publicar mais um dos seus bellos sonetos em alexandrinos ; chama-se *O Monstro* e é destinado a commemorar a prisão de Silva Lisboa.

Uma producção magnifica e luxuosamente editada que não resistiriamos a transcrever aqui se não receiassemos prejudicar assim os interesses dos livreiros onde se acha á venda.

O PRESENTE DO NATAL



— Bibe aqui o xôr Luiz?
— D'onde vem esse pirum, ó freguez?
— Bengo allá do xôr Çalastrino da Bona-Hora, e aqui ben as nozes pra o ententimento do bixo...

BARJONA O TYRANNO

OU

RECORDAÇÕES DO LAZARETO

Como dissemos, tudo se paga n'aquelle santo estabelecimento, incluindo a impressão e o papel da conta de despesa!

Ora vejam onde montariam as contas dos *restaurantes* se, por aquelle processo, nos fizessem pagar a palhinha da cadeira em que nos tivéssemos sentado, a rama do capacho onde limpamos as botas, a agua da companhia onde lavamos as mãos e o papel impresso não só das contas mas de tudo de que porventura houvessemos feito uso! Cada sandwich de vitella vinha a custar pelo menos o dobro do que custa o aluguer d'uma loja em prédio do sr. duque de Palmella!

A maneira de mostrar ao medico que se está beneficiado é esta.



E, apesar de custar tudo rios de dinheiro, ainda assim, nada se obtém senão por especial fineza.

— Preciso d'um tinteiro, d'uma escova, d'um palito...

— Aqui não ha... Mas eu vou vê se arranjo, visto ser para V. S.ª...

É a melhor recepção que se póde fazer a estrangeiros; para nós é que ainda achamos pouco: devíamos ter camisola amarella, cabeça rapada e marca a ferro em braza e ser obrigados a arrastar correntes em vez das fitas das cercoilas que arrastamos pelos corredores.



Esses corredores, sinistros como o da *Gran-Duqueza*, onde se veem surgir, pelas sombras veladas da noite, os espectros de brasileiros cadavericos, saindo de restos de sapatos de trancinha e bradando vingança contra os que os fizeram morrer inteirizados pelo frio e envenenados pela cosinha, a pretexto de os beneficiarem da febre amarella!



Repetimos, sr. Barjona: nomeie director d'esta penitenciaria o insigne conselheiro Pim, para que ao menos a cota diga com a verdigota!



Passa a sua vista misericordiosa pelas contas que tivemos de pagar e diga-nos com o coração nas mãos, v. ex.ª, que tem um coração tão bem formado, se o Lazareto não é peor de que um antropophago, visto que ali nos *comem* vestidos, ao passo que este nos come nusinhos em pello... Enquanto lá estivemos não faziamos senão gritar debalde:

— Quem me acode?! Ai! que eu morro vestido!...

E o echo repetia a phrase pelos corredores, como se fossem outros tantos brasileiros que estivessem para morrer vestidos!

Vem a proposito uma pergunta com que o indigena costuma esquivar-se a qualquer interpeção:



— Mas quem toma a responsabilidade?...

No tribunal:

— O Magalhães Lima não é um criminoso... Eu absolvia-o...



— Pois sim! mas quem toma a responsabilidade?...

Em casa:

— O dia não está mau e eu sempre levo o meu chapéu de plumas...

— E se chover quem toma a responsabilidade?

No theatro:

— O soprano é detestavel! Vamos dar-lhe uma pateada...

— E se vier a policia quem toma a responsabilidade?

Na redacção:

— O deputado Fulano portou-se como um pulha e é necessario dizer-lhe as ultimas no artigo de hoje...

— D'accordo! Mas quem toma a responsabilidade?

É o caso!

O bom senso a dizer-nos que o Lazareto não tem razão de existir, mas o sr. Barjona a argumentar lá com os seus botões:

— Pois sim! Mas quem toma a responsabilidade?...

Já se vê que ninguem toma, visto como estamos n'um paiz em que todos são irresponsaveis, desde o chefe do Estado até ao ultimo dos maltrapilhos.

Exceptua-se o partido republicano que, por isso mesmo que é uma excepção, vae pagando caro todas as responsabilidades que toma...

O NATAL DO BAILIO EM BRAGA

